



ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

Viver e conviver *Além-Mar*: A *simpatia* de imigrantes brasileiras em Lisboa

FERNANDES, Gleiciani

Mestranda em Antropologia

Instituto de Ciências Sociais – ICSUL

gleicianifernandes@yahoo.com.br

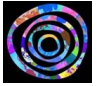
Resumo

Esta investigação é parte de uma pesquisa com mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa que trabalham com o atendimento ao público, o chamado *mercado da alegria* (MACHADO 2004). Tem como objectivo perceber como são estabelecidas as relações entre brasileiras e portugueses num contexto laboral. Busca-se compreender as estratégias de *comercialização da simpatia* e o reforço sistemático dos estereótipos de povo alegre.

A metodologia consiste em investigar a experiência destas imigrantes sob uma perspectiva *auto-etnográfica*, um recurso em que o pesquisador documenta um grupo a partir da própria experiência individual relacionando-a com a história social. (ELLIS E BOCHNER 2000).

Os dados até agora obtidos revelam que estes atores sociais usam a *simpatia* não só para inserção no mercado de trabalho, mas também como estratégia de aceitação na sociedade portuguesa. Comercializar *simpatia* é uma das formas de encontrarem segurança e acolhimento no contexto de incertezas que é a *vida além-mar*.

Palavras-chave: Migração, género, representação e reconhecimento





Viver e conviver *Além-Mar*: A *simpatia* de imigrantes brasileiras em Lisboa.

1. Introdução:

O trabalho que aqui se apresenta tem como eixo central a experiência vivida pela mulher brasileira na Região Metropolitana de Lisboa na qual quase todas as apreensões estão ligadas ao universo mais significativo da vida quotidiana, que é o do trabalho. Buscar-se-á compreender como estes actores sociais lidam com as imagens representativas que lhes são atribuídas e como (re)criam suas próprias imagens. Tentar-se-á também perceber como os estereótipos actuam como mecanismos de invisibilização da imigrante enquanto pessoa singular.

Estas reflexões fazem parte de uma pesquisa ainda em andamento, mas que vêm sendo desenvolvida desde Dezembro de 2006, onde pude acompanhar de perto o dia-a-dia de algumas mulheres imigrantes. Desde este período trabalhei em restaurantes e lojas que me proporcionaram uma experiência única em termos pessoais, e o mais importante, trouxe-me uma riqueza inigualável em dados etnográficos. Estes momentos vividos, acompanhando diariamente a trajetória do grupo estudado, foram muito mais do que uma simples observação participante. Esta prática permitiu-me empreender uma autoetnografia. Uma das características deste método é, segundo Denzin (1989), a de que o escritor não adopta o “objective outsider”, convenção de escrita comum a etnografia tradicional, e por isso a auto-etnografia implica a incorporação de elementos da própria experiência de vida ao escrever sobre os outros através de biografias ou etnografias. (Reed-Danahay, Deborah E., 1997). Portanto, as experiências de vida do auto etnógrafo assumem papel de destaque que, como ressalta Hayano (1979) proporciona vantagens ao pesquisador por sua auto-identificação com grupo, uma alta adesão interna e o reconhecimento tanto por si como pelo grupo do qual faz parte.

Os dados até agora obtidos foram determinantes para compreendermos como a imigrante brasileira faz usos das imagens representativas sobre a identidade do povo brasileiro, que é sempre associado a simpatia e como elas percebem a si próprias diante do outro.

2. Quem são esses actores sociais.

2.1 A imigração brasileira para Portugal

A presença de brasileiros em Portugal é relativamente antiga, já em 1960 constituíam uma das maiores comunidades estrangeiras no país (BÓGUS, 2007). Após um período de estagnação entre 1960 a 1981 no número de residentes, em meados de 1980 a entrada de brasileiros no país tomou novo fôlego. A chamada primeira leva caracterizava-se por ser um movimento de profissionais qualificados (dentistas, publicitários, informáticos, etc.). Este perfil sofreu mudanças significativas após 1998/1999, quando o número de imigrantes aumenta consideravelmente e inserem-se em seguimentos menos qualificados do mercado de trabalho. (MALHEIROS, 2007). Alguns estudos já apontam que hoje há um número considerável de brasileiros com pouca escolaridade e oriundos da classe média-baixa: “...a maioria das pessoas é pobre e com baixa formação escolar. Há mais empregados de mesa que dentistas, mais músicos que professores de ginástica, mais jogadores de futebol que todas as categorias de profissionais liberais juntas.” (MACHADO, 2003).

São muitas as justificativas para o movimento migratório dos brasileiros, e uma das principais razões é de carácter económico. Segundo Margolis (1994), que realizou estudo sobre imigrantes em Nova Iorque, há várias razões para o crescimento da diáspora brasileira. Entre estas, destacam-se alguns factores históricos que ajudam a compreender este fenómeno migratório que teve grande crescimento em meados das décadas de 1980 e 1990. A autora cita, por exemplo, a grave crise económica pela qual passou o Brasil



neste período, onde a inflação atingiu níveis elevados, chegando a uma média de 84% ao mês. Outra autora que investigou a experiência dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos sintetiza: “Se tivesse que resumir os motivos das migrações dos jovens brasileiros para os Estados Unidos, diria que é predominante a busca de ascensão social que lhes foi barrada no Brasil” (SALES, 2005). No caso dos imigrantes que escolheram Portugal como destino as razões não são muito diferentes. A grande maioria dos brasileiros atravessam o atlântico na esperança de ter melhores perspectivas financeiras. Não é por acaso que “em 2003, as remessas por meio do Banco do Brasil chegaram a 100 milhões de euros, segundo o administrador do banco em Portugal, Gladstone Siqueira” (MACHADO, 2007), facto que tem influência positiva no equilíbrio orçamentário do país.

Os dados mais actuais informam que os brasileiros são a maior comunidade estrangeira residente em Portugal, com aproximadamente 77 mil cidadãos legalizados, como comunica o Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas – ACIME. Na realidade existe uma estimativa de que esse número chegue aos 250 mil, pois há um grande número de pessoas sem a devida autorização de permanência no país. Estão espalhados em sua maioria pelas cidades de Lisboa, Porto e Faro. São predominantemente mulheres, confirmando uma tendência mundial de que o êxodo feminino tem mudado suas características, sendo hoje não só para reagrupamento familiar, mas também um movimento em resposta à inserção da mulher no mercado de trabalho. Ou seja, é cada vez maior o número de mulheres inseridas na economia de serviços globais.

2.2. A imigrante brasileira

Uma das principais características dos fluxos migratórios actuais é a feminização. Há alguns anos atrás, a imigração era vista como um fenómeno predominantemente masculino. Actualmente, sabe-se da importância da participação feminina nos processos migratórios e que as experiências de homens e mulheres imigrantes são diferentes, porém não há muitos trabalhos voltados a entender as “especificidades do processo de adaptação e quotidiano da mulher imigrante” (PADILLA, 2007)

Por muito tempo acreditou-se no papel coadjuvante da imigração feminina e julgou-se apenas como um processo de reunificação familiar. Mas na actualidade sabe-se que a mudança no mercado de trabalho tem acarretado alterações significativas, o que tem aumentado a cada dia o número de mulheres que tomam a iniciativa de emigrar sozinhas. O crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho e o seu protagonismo na chefia da família tende a delinear um novo perfil da participação da mulher nas decisões familiares reflectindo assim, na escolha por emigrar.

As imigrantes brasileiras acompanham este processo e estima-se o crescimento do número de mulheres que partem do Brasil sozinhas. Mesmo as que vêm acompanhar o marido conseguem assumir um importante papel no contexto familiar, pois participam activamente na sobrevivência financeira da família. Uma grande parte está inserida no mercado de trabalho e colabora juntamente com o marido nas despesas familiares. Em alguns casos, percebe-se que mesmo que tenha sido o marido a tomar a decisão de emigrar, as mulheres assumem um carácter emancipador, principalmente aquelas que trabalham e contribuem para o aumento da renda familiar. Este é o caso de Ana Rita, uma das brasileiras entrevistadas nesta pesquisa. Saiu de Santa Catarina, seu estado natal, para se reunir ao marido que tinha chegado à Portugal meses antes. Hoje, os dois trabalham na mesma actividade, e mesmo havendo uma discrepância salarial entre os dois, Ana Rita tem um importante papel na renda familiar.

Em outros casos, onde é a mulher quem decide mudar de país, é comum os laços com o país de origem permanecerem, pois continua seu papel de importante apoio financeiro aos que ficam. Isso acontece com Érica, uma paulista de 40 anos, que sonha em terminar de pagar os estudos do filho e trazê-lo para Portugal.

Segundo alguns estudos, o perfil da imigrante brasileira é basicamente de jovens que, em grande parte, imigraram sozinhas e que trabalham em nichos específicos do mercado de trabalho, geralmente em actividades voltadas para o atendimento ao público, (restaurantes, cafés e lojas), no sector de limpeza e



auxílio a idosos. Uma parcela significativa é proveniente dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. No entanto, observou-se um crescimento do número de mulheres naturais de Goiás, Rondônia e de alguns estados do Nordeste brasileiro. (Wall & Nunes & Matias, 2005; Diniz, 2004).

Todas essas mulheres convivem diariamente com um aspecto muito significativo na experiência migrante: as imagens e representações sobre a identidade brasileira. Segundo Padilla (2007) “o tema da imagem da mulher brasileira em Portugal, em directa relação com o estereótipo da prostituta, não pode ser ignorado quando se fala da brasileira imigrante em Portugal”, e por esse motivo “existe uma reclamação generalizada quanto à maneira como são vistas e tratadas na sociedade receptora. Pois o facto de serem mulheres brasileiras e o estereótipo associado a isso trazem-lhes muitas vezes constrangimentos” (DINIZ, 2005). Esta imagem associada a prostituta tem consequências directas e indirectas (Padilla, 2007) na experiência quotidiana, que muitas vezes comprometem a inserção no mercado de trabalho e as relações afectivas dessas mulheres.

3. Algumas reflexões sobre a experiência quotidiana da mulher brasileira em Portugal:

Como já foi dito, o ambiente do trabalho é um local significativo na experiência quotidiana das mulheres imigrantes brasileiras, tendo em vista, as horas diárias dedicadas neste espaço. Por isso, a importância desde lugar nas relações diárias de sociabilidade, integração a sociedade de acolhimento e na manutenção dos laços afectivos.

Em minha primeira experiência em um restaurante conheci Laura, uma jovem mineira de 23 anos. Lara, como era chamada, passava ali 15 horas por dia (entrava às 9h e saía às 00h), durante os 7 dias da semana. Sua rotina resumia-se ao trabalho e, mesmo nos dias de eventuais folgas, não deixava de ir ao trabalho. Segundo ela, nos dias de folga não havia muita coisa a fazer além de actividades domésticas em sua residência e, portanto, ir ao restaurante na folga era uma forma de conviver com os amigos e, principalmente, porque lá poderia alimentar-se gratuitamente.

Na mesma situação de Lara também encontrei muitas outras, dentre elas Elaine, uma mineira de 25 anos. Elaine morava nas proximidades de Lisboa em uma casa com 8 pessoas (dentre elas um recém-nascido). Era um pequeno apartamento em Azambuja com apenas dois quartos, sala, casa de banho e cozinha. É muito comum entre os brasileiros esta sublocação de casa, pois dividir a renda diminui os custos e significa mais dinheiro economizado. Todos os moradores da casa trabalhavam, alguns em indústrias de produção de alimentos, outros em restaurantes ou no comércio. Elaine era a única que fazia um trajecto intermunicipal e por isso saía uma hora mais cedo, mas compensava essa redução na jornada de trabalho aos fins-de-semana.

A vida dessas jovens não é marcada por grandes alterações na rotina, até porque a jornada de trabalho é muito longa. Uma das jovens que conheci em minha pesquisa de campo trabalhava em um café na Baixa de Lisboa. Seu horário de trabalho iniciava às 6h da manhã e só acabava a meia-noite. Ela dividia seu tempo em dois restaurantes e a vida fora desse ambiente era quase impossível. No dia em que a entrevistei, ouvi sua amiga reclamar que sempre a convidava para sair, mas tinha sempre um não como resposta, pois faltava-lhe forças para diversões. Mirela, uma cearense que trabalhava em um café localizado em um centro comercial de Lisboa, também reclamava das poucas horas que tinha livre. Essa pouca disponibilidade interferia nos momentos de lazer e nas horas dedicadas para estar na companhia do namorado, pois os dois trabalhavam das 10h às 00h e as folgas não coincidiam por não serem fixas.

Estes exemplos nos mostram um pouco da rotina dessas mulheres imigrantes. Experiências vivenciadas, em sua maioria, no ambiente de trabalho e que influenciam directamente na sua maneira de perceber e encarar a práticas em um contexto migrante. É geralmente neste ambiente que aparecem os conflitos, as queixas de discriminações e maus-tratos, e que me foi útil para reflectir sobre os aspectos descritos a seguir.



4. Exotização do povo brasileiro:

Como anteriormente foi mencionado, uma das características mais marcantes da segunda vaga de imigração brasileira para Portugal é a inserção em actividades profissionais que exigem baixa qualificação. Sabe-se que grande parte desempenha tarefas que não exigem formação académica ou grau mais elevado de especialização. O antropólogo Igor Machado (2003), em sua pesquisada realizada com imigrantes brasileiros na cidade do Porto, propôs que um número significativo desta população está directamente ligada à actividades vinculadas ao que ele chama de *mercado da alegria*, ou seja, trabalham em empregos que envolvem a animação (como músicos e dançarinos) e o atendimento ao público (empregados de mesa e balcão). Neste sentido, o autor afirma: “os empregadores portugueses pressupõem que, de alguma forma, os brasileiros são mais adequados para qualquer profissão que exija o trato com clientes, por conta da simpatia, cordialidade e alegria que esperam de qualquer brasileiro”. Ainda segundo o autor, “toda imagem sobre o Brasil, seja por parte de Brasileiros ou de Portugueses, é marcada pela ideia de um corpo brasileiro, de uma corporalidade específica, mais sensual, mais flexível, mais doce, mais malandra, mais feliz”. A “simpatia” brasileira torna-se uma necessidade no mercado português e por isso, muitos imigrantes assumem essa imagem como condição para ser inserido no mercado de trabalho, passando a “exercer profissionalmente essa simpatia”, locados em actividades que exigem contacto com o público.

Nesta pesquisa, direccionou-se o “olhar investigativo” para as mulheres imigrantes que desempenham este tipo de actividades. Porém, prefere-se adoptar a conceitualização teórica *mercado da simpatia*, pois acrescenta-se a este perfil profissional as empregadas que cuidam de idosos e crianças. Portanto, a categoria *mercado da simpatia* tenta dar conta dessa camada profissional que também pressupõe uso de cordialidade e simpatia, mas não necessariamente a alegria. Por questões metodológicas as interlocutoras escolhidas para este trabalho são imigrantes que trabalham basicamente como empregadas de mesa e balcão, empregadas de cafés e as prestadoras de serviços a idosos.

Segundo Padilla (2007), os brasileiros em Portugal desfrutam duma etnicidade própria e por este motivo há na sociedade portuguesa a ideia de que os Brasileiros são simpáticos, como se a simpatia fosse uma qualidade inerente e quase genética. Desta forma, a simpatia e a afinidade linguística facilitariam a inserção do brasileiro em actividades no *mercado da simpatia*. Porém, Machado (2007) chama-nos atenção para o que ele denomina de processo de exotização. “Estes processos são fenómenos sociais de efectivação dos estereótipos – têm relação íntima com a sua produção – mas vão além da mera constatação da sua existência. Esses processos referem-se não apenas à imposição de imagens estereotipadas a determinadas populações, o que poderíamos chamar de «orientalismos», mas também à forma como determinadas imagens sobre o outro são construídas e passam a ter autonomia simbólica, num processo de «encarceramento simbólico» dos nativo”. (p.173). Assim, o Brasileiro não seria apenas um mero receptor dessas imagens essencializadas e construídas a sua revelia, seriam sim agentes activos e também protagonistas no reforço sistemático desses estereótipos. Esta população submete-se a estas representações para ter sucesso em sua inserção no mercado de trabalho, mas também dão novas “roupagens”, criando e recriando suas próprias imagens. O autor indica que “a forma como os Brasileiros, na cidade do Porto, organizam sua «vida colectiva» permite entender como eles progressivamente vão se tornando «exóticos», no sentido determinado por um universo simbólico português abarrotado de imagens sobre os Brasileiros” (p.173).

Observou-se que no caso das mulheres brasileiras residentes na Região Metropolitana de Lisboa estas imagens representativas sobre o Brasileiro, e particularmente, sobre a mulher brasileira têm papel decisivo em suas relações tanto profissionais, como pessoais e até mesmo afectiva. Segundo Malheiros (2007), “as mulheres brasileiras parecem ter-se tornado as principais vítimas dos estereótipos da sociedade portuguesa, que tende a «exotizar» a imagem do(a) Brasileiro(a), sendo frequentemente vistas como «exóticas e fáceis» quando não, associadas à prostituição.” (p.35). Estas imagens representativas sobre as Brasileiras têm um papel decisivo na sua relação com o “Outro” e também como percebem o “Nós”. Na passagem a seguir, retirada de um dos fóruns de um site de relacionamentos na Internet que congrega



imigrantes brasileiros, pode-se verificar que imagens representativas têm consequências directas e indirectas no dia-a-dia dessas mulheres:

“Olha me aconteceu uma agora, que sinceramente fiquei de cara, entra um casal na loja, deve ter ai 50 anos, e quando vêm que sou brasileira lá vem a conversa de sempre: És brasileira? Porque saiu do Brasil um país tão grande pra vir pra um país tão pequeno? Mora aonde aqui? Tive que responder ao inquérito e ainda ouvir a esposa a dizer que Portugal só ta tendo gente que não presta, Cabo-Verdianos, Ucrrianos, Brasileiros, Brasileiras só na prostituição, tive que lhe dizer: calma lá, sou brasileira e não sou prostituta! Não é só as brasileiras que são prostitutas. Ela me disse que eu se for pra outros países da Europa não vou ver portuguesas se prostituírem, e que não sei aonde aqui em Portugal mandaram vir brasileiros pra cá, se fosse ela não aceitava uma coisa dessa, onde já se viu Portugal aceitar isso, ai tive que lhe dizer: Se todos pensarem assim, como ia ser a vida dos Portugueses que vivem fora de Portugal. Olha, tive que virar as costas porque senão eu ia brigar feio, e tava dizendo que no Brasil só marginal a matar as pessoas, tive mesmo que virar as costas. Sei que no Brasil tem muita coisa que não presta, a violência tá demais, mas que prazer tem uma pessoa dessa a falar isso pra mim, será que não vê que nós sofremos com isso, será que acham que só no Brasil tem prostituição e violência?”

(Kátia, 06/01/08)

“Oi Kátia

Você tem toda razão...estou há tantos anos aqui e ainda sofro alguma discriminação...os homens acham que somos artigo de feria...sabes como é, aquela imagem que somos demais...boas de cama...as mulheres nos odeiam...porque acham que toda brasileira é prostituta...(pura inveja)...e quando vêm que somos decentes e que estamos aqui para trabalhar na boa... na honestidade.... sem estar na prostituição....acabam por nos pegar com outras coisas...como a bandidagem no nosso pais...ou a violência... pobreza ...e quando eles vêm e insinuam que passamos fome no Brasil.. É... tens que dizer...ok... É mau, mas arroz e feijão sempre tem! Mas sabes o que mais minha linda....isso tudo eh inveja porque falem o que falarem...Nós somos o melhor povo do mundo... Não existe povo tão alegre...tão amigo..... enquanto que aqui eles se preocupam com as aparências....nós com uma linguicinha na brasa.....uma cervejinha....e um bom pagode...fazemos a maior festa.....e isso ninguém tira do nosso povo!”

(Bel, 16/01/08)

Estas passagens, feitas por duas interlocutoras, é um bom exemplo de como os estereótipos sobre a mulher brasileira aprisionam (MACHADO, 2007) àquelas que residem em Lisboa. “Para a mulher comum, esta imagem de prostituta tem consequências directas e indirectas, no dia-a-dia...” (PADILLA, 2007) e trás uma grande carga emocional que interfere directamente na sua relação com a sociedade portuguesa, que pode assumir um carácter de busca por aceitação (buscar simetrias em hábitos e comportamentos com os portugueses) ou rejeição (caracterizada pela reafirmação da diferença ou de uma identidade brasileira).

Porém, todas elas parecem perceber que esta imagem da “brasileira simpática” é um factor que facilita sua inserção em algumas actividades profissionais. Érica, uma outra interlocutora que cuida de uma idosa no bairro de Campo de Ourique, disse-me em entrevista informal em Dezembro de 2007: “se fosse outra, uma portuguesa, por exemplo, não a trataria como eu a trato. Ela se apegou a mim porque eu cuido dela. Nunca aproveito minha folga toda porque tenho pena dela ficar sozinha”. Neste discurso verifica-se como esta



informante percebe a si mesma, a partir da sua diferença enquanto profissional brasileira em oposição a trabalhadora portuguesa; e por outro lado, como ela atribui sua permanência no emprego, em função de seu diferencial: a simpatia e a dedicação a patroa.

Portanto, essas representações sobre o brasileiro tem um importante papel na experiência quotidiana do imigrante, não só em contexto laboral, mas principalmente como o próprio brasileiro vê a si mesmo e percebe-se diante do outro. Machado (2007) fala que o imigrante necessita fazer uma constante avaliação da sua centralidade em relação aos demais imigrantes, ou seja, existe uma certa disputa para estabelecerem diferenciações entre si e chegar a questão de quem é mais ou menos brasileiro. Ele usa o conceito de “jogo da centralidade” para caracterizar o que acontece com os imigrantes na cidade do Porto no contexto do mercado de trabalho. Porém, acredito que a situação da mulher brasileira em Lisboa vai um pouco mais além. No caso das entrevistadas esses estereótipos actuam de forma mais carcerária, ou seja, a imigrante brasileira torna-se refém da ideia de povo alegre e sensual. Passa então a “exercer a simpatia” de forma comedida e com cautela. As disputas são de âmbito mais subjectivo e elas estão sempre diante de um conflito interno: ser mais brasileira no contexto laboral e menos brasileira na maneira de comportar-se. O que quero dizer com isso é que, precisam ser simpáticas para atender as exigências do mercado de trabalho, mas avaliam com cautela essa simpatia em outros ambientes, tudo isso porque são sempre associadas a essas imagens representativas e assim, em muitos momentos, são vítimas de preconceitos e discriminações.

5. Invizibilização da mulher brasileira

1. Visibilidade x Invisibilidade

Grande parte dos trabalhos que se detêm na análise das imagens representativas sobre o imigrante brasileiro, e principalmente da mulher imigrante, abordam as questões relativas ao *processo de exotização*. Reflecte-se sobre a ideia de que “toda imagem sobre o Brasil, seja por parte de Brasileiros ou Portugueses, é marcada pela ideia de um corpo brasileiro, de uma corporalidade específica, mais sensual, mais flexível, mais doce, mais malandra, mais feliz (MACHADO, 2007). Os meios de comunicação também são veículos que participam activamente desse processo e tem papel decisivo na construção dessas imagens representativas. “Nos telejornais portugueses os imigrantes brasileiros costumam ser referidos, fundamentalmente, em peças sobre clandestinidade, prostituição, expulsão, habitação, trabalho, crime e condições sociais. Nota-se, ainda, que a maioria destas notícias criminaliza ou vitimiza a conduta a conduta desses imigrantes em Portugal, fortalecendo interpretações de alteridade, isto é, da sua contínua percepção social enquanto Outro” (SILVA FILHO, 2006).

O que pouca gente se detém é sobre um aspecto que tem-se revelado importante nesta pesquisa: a invizibilização da mulher imigrante brasileira. Mas antes de falar de invisibilidade, faz-se necessário entender um pouco o seu antónimo. O conceito de visibilidade que é de interesse para esse trabalho, refere-se a condição de ser efectivamente reconhecido; entende-se visibilidade como reconhecimento social, ou seja, a capacidade de ser percebido como ser humano capaz de pensar, agir, tomar decisões, etc. “Parte-se da ideia de que ser *homo sapiens* é ser *homo socius* e *politicus*, havendo, logo, necessidade de ser visibilizado, reconhecido como tal. (Rodrigues, 2007). Portanto, o termo visibilidade que é aplicado neste trabalho está relacionado com reconhecimento social em que certos actores são visibilizados em detrimento de outros em campos sociais específicos.

A partir destes princípios, pode-se pensar a invisibilidade como um mecanismo de não reconhecimento, ou melhor, relações sociais em que o grupo ou indivíduo não reconhece o outro como igual. Segundo Kehl (2004) “existir é antes de mais nada apresentar a própria imagem ao outro”. Para esta autora, já na modernidade, o sujeito não era reconhecido no espaço público, mas nas suas relações em grupo. Ao participar da massa ele continua invisível, mas encontra na identificação com um líder ou ídolo uma forma de resistência.



Costa (2004), em seu trabalho sobre empregados de limpeza pública, conseguiu perceber que as relações trabalhistas influem em relações onde não existe alteridade, pois deixa-se de distinguir os sujeitos com seres transformadores e pensantes, tornando-os *homem-ferramenta*. De acordo com o autor, invisibilidade pública vem de uma percepção humana prejudicada e condicionada à divisão social do trabalho, ou seja, enxerga-se somente a função e não a pessoa. Já para o antropólogo Luiz E. Soares (2005), uma das formas mais eficazes de tornar alguém invisível é lançar sobre ele ou ela um estigma que decorre principalmente do preconceito ou da indiferença. O estigma dilui a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe é imposta. O estigmatizado é vítima de *violência simbólica* (Bourdieu, 2004) porque não corresponde aos valores e crenças de um grupo dominante. Esta violência é muitas vezes sentida, mas não é combatida, aceitando-se como algo natural, pois através do *poder simbólico* (Bourdieu, 2004) constroem-se significações que legitimam a desigualdade.

Neste sentido, as imigrantes brasileiras passam por um processo de invisibilização por parte da sociedade de acolhimento na medida em que é associada aos estereótipos de “povo alegre e sensual”. Os estigmas relacionados a essas imagens representativas encobrem sua identidade como sujeito ou ser individual, transformando-as em um todo homogêneo. Mais uma vez a fala de Kátia pode ilustrar uma clara tentativa de ser reconhecida como um ser singular e diante dos estereótipos: “tive que lhe dizer: calma lá, sou brasileira e não sou prostituta! Não é só as brasileiras que são prostitutas.” Quando mais a frente ela relata: “será que não vê que nós sofremos com isso, será que acham que só no Brasil tem prostituição e violência?”; é possível perceber o apelo para que ela seja vista como um ser humano singular a partir de suas emoções e sentimentos.

Por outro lado, quando são vistas como alguém com potencial para exercer um certo tipo de trabalho são transformadas em “mulher-ferramenta”, sendo apenas visível como mão-obra. Enxerga-se somente a função e não a pessoa. Encobre-se a sua identidade individual e anula-se suas singularidades. São vistas como “ferramentas” adequadas para o *mercado da simpatia*.

Porém, as entrevistadas dessa pesquisa, mostraram que também criam e recriam formas de invisibilização. Elas passam a desejar não serem vistas e assim, constroem estratégia de autoprodução. Essa “invisibilidade desejada” torna-se concreta quando a imigrante tenta ser desvinculada ou dissociada da imagem da “mulher fácil” e sensual. Ela passa a desejar não ser reconhecida como brasileira seja através de suas atitudes, seja através da maneira de vestir ou se comportar. É o que acontece, por exemplo, com Édna, uma mineira, que em Portugal trabalhava em uma loja de roupas. Vi-a algumas vezes criticar o comportamento de algumas brasileiras e mesmo a maneira de vestirem-se. Ela mostrava sempre o medo de ser comparada com prostituta, chegando a dizer que não se vestia como “certas brasileiras”. Este não querer ser visto, na concepção fisiológica do termo, não é nada mais do que a busca por reconhecimento de sua singularidade enquanto ser individual.

6. Conclusões preliminares

A partir do exposto, consegue-se perceber como são vividas as experiências quotidianas dessas interlocutoras. Pode-se dizer que vivem em um dilema diário: ser simpática, como exigência do mercado de trabalho, e, ao mesmo tempo afastar-se da imagem da mulher brasileira em Portugal. Conseguem manipular seus sentimentos como estratégias de reconhecimento. Mas neste processo de reconhecimento e auto-reconhecimento acabam por também reproduzir o discurso daqueles que detêm o *poder simbólico*. Na tentativa de se afirmarem como ser individual e distante do estereótipo da mulher brasileira assumem alguns dos preconceitos da sociedade acolhedora. É o que acontece por exemplo, com Édna que, em entrevista informal em Novembro de 2007, procurava sempre enfatizar que ela era diferente de muitas brasileiras, pois tentava se vestir de forma mais apropriada e mais parecida com a mulher portuguesa. “Temos é que nos valorizar e não se vestir como as brasileiras prostitutas.” Em outro trecho dizia “É por isso que falam da gente, porque tem mulher que não se respeita, aí quem paga somos todas nós”.



Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre (2004), *O Poder Simbólico*, Bertrand Brasil, 7ª Edição, São Paulo
- BÓGUS, Lúcia (2007), *Esperança Além-Mar: Portugal no "Arquipélago migratório" brasileiro*, In: MALHEIROS, Jorge (2007), *Imigração Brasileira em Portugal*, Observatório da Imigração, Lisboa;
- COSTA, Fernando Braga da (2004). *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*, Editora Globo, São Paulo;
- DINIZ, Éder Carlos (2005), «A Mulher Brasileira na Imigração em Portugal», in *Imigração e Etnicidade: Vivências e Trajectórias de Mulheres em Portugal*, Lisboa, SOS Racismo.
- HAYANO, David M. (1979), *Auto-Ethnography: Paradigms, Problems, and prospects*, *Human Organization*, vol. 38, nº 1, pp.99-104
- KEHL, Maria Rita. (2004), *Visibilidade e espetáculo*. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita (Org.). *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo
- MACHADO, Igor (2007), *Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal*, in MALHEIROS, José (org.), *Alto Comissário para Imigração e Diálogo Intercultural*, Lisboa
- MARGOLIS, Maxine (1994), *Little Brazil: Na Ethnography of Brazilian Imigrants in New York City*, Princeton University Press, Princeton, New Jersey;
- PADILLA, Beatriz, (2007), *A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise*, In: MALHEIROS, Jorge (2007), *Imigração Brasileira em Portugal*, Observatório da Imigração, Lisboa;
- REED-DANAHAY, DEBORAH E. (1997), *Auto-ethnography: rewritings the self and the social*, Oxford: Berg
- RODRIGUES JR., Gilson (2007), (In)Visibilização Social: o jogo dramático de visibilidade e invisibilidade dos actores sociais, Monografia apresenta na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- SALES, Teresa (2005), "Hard-working newcomers: brasileiros imigrantes nos Estados Unidos" in BARRETO, António, *Globalização e Migrações*, Estudos de Investigação, Imprensa de Ciências Sociais;
- SILVA FILHO, W. (2007), *Imagem do imigrante brasileiro no jornalismo televisivo português 2004-2006*, tese de mestrado, Faculdade de Letras: Universidade de Coimbra.
- SOARES, Luiz Eduardo. (2005), *Juventude e violência no Brasil contemporâneo*. In: BILL, MV; ATHAYD, Celso; SOARES, Luiz Eduardo. *Cabeça de porco*. Editora Objectiva, São Paulo
- WALL, Karin & NUNES, Cátia & MATIAS, Ana Raquel (2005), *Female migrations vision - Immigrant women in Portugal: migration trajectories, main problems and policies*, Working Papers Instituto de Ciências Sociais, http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2005/wp2005_7.pdf
- (acesso: 06/04/08)
- <http://www.acime.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=863> Acesso: 21/05/2007